

**OUVINDO AS MÚSICAS DAS CULTURAS DE PARES:
UMA PESQUISA COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**LISTENING TO PEER CULTURE SONGS: A RESEARCH CARRIED OUT WITH
CHILDREN FROM A CHILD EDUCATION SCHOOL**

**ESCUCHANDO LAS CANCIONES DE LAS CULTURAS DE PARES:
UNA INVESTIGACIÓN CON NIÑOS DE LA EDUCACIÓN INFANTIL**

*Kelly Werle

**Cláudia Ribeiro Bellochio

RESUMO: O artigo focaliza a música e a experiência nas culturas da infância tendo como aporte teórico a sociologia da infância. A pesquisa buscou investigar como a música constitui experiências nas culturas de pares construídas pelas crianças na instituição de Educação Infantil. Especificamente, compreender de que maneira as crianças protagonizam experiências envolvendo a música durante as brincadeiras e analisar como a música se manifesta na interação das crianças entre si, no processo de produção de culturas de pares. Através de uma abordagem interpretativa com inspiração etnográfica, realizou-se uma pesquisa com a participação de quinze crianças entre 4 e 5 anos, de uma instituição pública. Destacam-se os protagonismos das crianças nos diferentes processos de participação da pesquisa e de produção das culturas de pares. O fazer musical na infância está vinculado ao brincar e aos processos de reprodução interpretativa por meio da interação constante entre os pares e as culturas adultas.

PALAVRAS CHAVE: Educação Infantil. Culturas da infância. Música. Experiência.

INTRODUÇÃO

O presente artigo constitui um recorte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida junto a um Programa de Pós-Graduação em Educação. A pesquisa focalizou a música e a experiência nas culturas da infância no contexto de uma instituição de Educação Infantil. O referencial teórico está embasado na sociologia da infância, a partir de estudos de Corsaro (2011) e Sarmiento (2007); buscando diálogos com a música das culturas da infância, a partir de Brito (2007), Beineke (2009) e Lino (2008); e infância e experiência, através de Walter Benjamin (1987).

Pesquisar as culturas da infância é um tema que vem merecendo destaque no cenário acadêmico atual, em que pesquisadores têm voltado o olhar para o protagonismo infantil a fim

* Profª Drª Substituta do Departamento de Metodologia do Ensino, Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria. Graduação em Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Educação pela UFSM. E-mail: kelly_werle@hotmail.com

** Profª Drª Associada do Departamento de Metodologia do Ensino, Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria. Graduação em Música Bacharelado e em Pedagogia, Mestrado em Educação pela UFSM e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: claudiabellochio@gmail.com

Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 28, n. 3, p. 247-261, Set/Dez, 2017. ISSN: 2236-0441

DOI: 10.14572/nuances.v28i3.4538

de compreender as significações e representações do mundo atribuídas pelas crianças. Temos vasta produção acadêmica sobre crianças, especialmente oriundas da psicologia, contudo, a partir da década de 80, pesquisas com crianças vêm ganhando espaço acadêmico de discussão. Não basta conhecer o que se passa com a criança (dentro dela), o interesse da sociologia da infância está voltado para compreender o que ocorre entre as crianças, suas relações e produções de culturas de pares (GRAUE; WALSH, 2003).

Este trabalho tem mote de construção de pensamento e análise nesta perspectiva teórica, de modo que pretende trazer contribuições aos estudos das culturas infantis ao focalizar a música a partir do ponto de vista das crianças, ou seja, suas compreensões, construções e produções musicais realizadas entre si, através de suas culturas de pares na escola de Educação Infantil.

Como objetivo geral, buscou-se investigar como a música constitui experiências nas culturas de pares construídas pelas crianças na instituição de Educação Infantil. Especificamente, buscou-se compreender de que maneira as crianças protagonizam experiências envolvendo a música durante as brincadeiras, e analisar como a música se manifesta na interação das crianças entre si, no processo de produção de culturas de pares.

Inicialmente, apresenta-se nesse artigo uma discussão envolvendo o eixo teórico da tese, transitando entre os campos da música, infância e experiência; posteriormente aponta-se para a configuração metodológica da investigação, problematizando-se princípios éticos e metodológicos na realização de pesquisa com a participação de crianças. Na sequência, discute-se alguns resultados trazidos como recorte da tese, caracterizando o protagonismo infantil no processo de produção da pesquisa e construção de experiências musicais nas culturas de pares; e, enfim, são encaminhadas algumas considerações finais acerca da realização de pesquisa com crianças.

MÚSICA, INFÂNCIA E EXPERIÊNCIA

Pensar em música na infância implica em considerar os inúmeros significados que a criança atribui às sonoridades com que convive, conhece, explora e tem contato. A criança percebe a sonoridade presente no seu cotidiano e a partir dela recria a realidade. Utiliza essa sonoridade para criar e compor suas brincadeiras, de modo que, atribui novos significados e amplia seu repertório de jogos simbólicos. O que remete a um brincar musical, que corresponde,

de acordo com Brito (2007, p. 69) a “formas de experienciar, de desenvolver recursos e construir conhecimentos”.

Lino (2008) caracteriza a música para as crianças utilizando a expressão *barulhar*, que corresponde a uma dimensão ficcional em que a música não opera somente com os sons, mas, também, com a escuta. Através de sua pesquisa de doutorado observando o cotidiano de um grupo de crianças de Educação Infantil concluiu que “todas as crianças produziram insistentemente barulhadas, vivendo o descontínuo como presença na natureza sonora ao expor uma miríade de explorações com a música como experimentação, jogos de escuta ou narrativas sonoras” (LINO, 2008, p. 8).

De acordo com Benjamin (1987), na infância é possível visualizar a essência de como se constitui a experiência, observando a forma como a criança interage e descobre o mundo, através dos sentidos, das sensações, afetos e emoções vividas com seu corpo, sentidas em sua pele. Benjamin menciona a experiência das crianças com as cores, entendendo que constituem expressão de sua sensibilidade. “Colorir para a criança significa reconhecer-se no mundo, identificar-se com as coisas na experiência mimética” (SCHLESENER, 2009, p. 152). A mesma perspectiva de experiência pode ser estendida a outros campos da experiência infantil, dentre as quais as experiências sonoras, de silêncios e sons musicais.

No fragmento de “As Cores”, em *Infância em Berlim* por volta de 1900, Benjamin narra sua experiência com as cores na infância, demonstrando o quão passa por dimensões sensíveis, estéticas que transcendem a razão.

Em nosso jardim havia um pavilhão abandonado e carcomido. Gostava dele por causa de suas janelas coloridas. Quando em seu interior, passava a mão de um vidro a outro, ia me transformando. Tingia-me de acordo com a paisagem na janela, que se apresentava ora chamejante, ora empoeirada, ora esmorecida, ora suntuosa. Acontecia o mesmo com minhas aquarelas, onde as coisas me abriam seu regaço tão logo as tocava com uma nuvem úmida. Coisa semelhante se dava com as bolhas de sabão. Viajava dentro delas por todo o recinto e misturava-me ao jogo de cores de suas cúpulas até que se rompessem. Perdia-me nas cores, fosse nos céus, numa joia, num livro (BENJAMIN, 1987, p. 101).

As experiências na infância constituem-se de maneira lúdica, estando o imaginário sempre presente. De acordo com Schlesener (2009, p.153), a qual pesquisa sobre mimesis e infância nas obras de Benjamin, nessa experiência com as cores é possível reconhecer “a faculdade mimética que tem expressão no comportamento das crianças ao relacionar-se com o

mundo e que a faz identificar-se com as coisas ou transformar-se nelas no momento da brincadeira”

Desta forma, as experiências na infância se constituem através do brincar. A brincadeira e os jogos protagonizados da criança proporcionam suas experiências com o mundo, incluindo experiências estéticas e musicais. Para as crianças a música está vinculada ao brincar, isso demonstra o caráter lúdico da música na infância. As crianças brincam não porque simplesmente gostam de criar e imaginar. Brincam porque, através do brincar, tem a possibilidade de representar e compreender a realidade, brincando, as crianças produzem culturas.

Através do brincar, as crianças utilizam variadas linguagens e formas de interação para expressar diferentes relações de cultura, etnia, gênero, poder, etc. Segundo Elkonin (2009), o conteúdo da brincadeira retrata, sobremaneira, a atividade do homem e as relações sociais das pessoas entre si, variando o tema pelo qual elas são construídas e vivenciadas. Assim, a brincadeira permite a apropriação de códigos culturais referentes aos contextos nos quais as crianças vão se inserindo.

O brincar, para além de uma atividade que ocorre em um determinado período de tempo, é o modo de ser, de estar, de experimentar o mundo. É a forma de narrar das crianças pequenas, o meio que as possibilita integrar-se ao mundo social e dele fazer parte, representando-o. Neste contexto, é importante compreender o brincar como forma fundamental de expressão, ação e interação social da criança no mundo, e assim visualizar a produção de culturas infantis permeadas pelo constante brincar.

No que diz respeito às culturas da infância considera-se um conjunto de representações simbólicas, formas de expressão e comunicação significativas a determinado grupo de crianças, construídas através das interações entre pares no permanente diálogo com a cultura adulta. De acordo com Sarmiento (2003, p. 3) “por esse conceito entende-se a capacidade das crianças em construir de forma sintetizada modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e ação”.

Contudo, não é possível padronizar ou homogeneizar as culturas da infância, pois são sempre relativas à diversidade de contextos sociais, culturais, étnicos e políticos nos quais as crianças fazem parte.

As culturas da infância são construídas através da interação *intra* geracional, ou seja, das crianças entre si com seus pares, e *inter* geracional, através das trocas permanentes das

crianças com a cultura adulta. A própria ideia de infância, na perspectiva da sociologia é entendida como uma construção resultante das ações coletivas entre crianças e adultos e crianças entre si, demonstrando o caráter social dos processos de produção de culturas (CORSARO, 2011).

Corsaro desenvolve o conceito de cultura de pares infantis, designando por pares determinado grupo de crianças que passam grande parte de seu tempo juntas quase todos os dias. A família possui papel importante no processo de produção da cultura de pares, pois é através dela que as crianças iniciam a participar da sociedade e lhes são possibilitadas as primeiras interações sociais. O autor entende que a movimentação fora do ambiente familiar constitui uma mudança importante na vida da criança, de modo que, “o tempo e a natureza da passagem das crianças da família para uma sociedade de pares variam ao longo do tempo e entre as culturas” (CORSARO, 2011, p. 127).

No contexto cultural ocidental, de modo geral, a sociedade de pares na infância ocorre em ambientes institucionalizados como creches e pré-escolas. As instituições educativas para a infância são, muitas vezes, o espaço principal onde as crianças têm a possibilidade de construir relações sociais e produzir culturas de pares. Isto em função de vários fatores tais como: diminuição da taxa de fecundidade e conseqüente número reduzido ou ausência de irmãos; cerceamento e preocupação com a segurança das crianças tornando-se limitados o espaço e o tempo para as suas brincadeiras, bem como, as possibilidades de interação com vizinhos; ascensão feminina ao mercado de trabalho favorecendo o aumento no período diário de institucionalização das atividades infantis, dentre outros fatores (CORSARO, 2011).

Assim, as instituições educativas para a infância passam a ser cenário de investigações sobre as culturas infantis justamente pela possibilidade de se observar, ouvir e compreender as crianças em seus grupos coletivos, interagindo e atuando com seus pares. Corsaro define cultura de pares infantis como “um conjunto estável de atividades e rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais” (CORSARO, 2011, p. 128).

A cultura de pares infantis está em consonância com o conceito de reprodução interpretativa que é composta por três tipos de ações coletivas:

(1) Apropriação criativa de informações e conhecimentos do mundo adulto pelas crianças; (2) produção e participação de crianças em uma série de culturas de pares; (3) e contribuição infantil para a reprodução e extensão da cultura adulta. Essas atividades seguem uma progressão exata: a apropriação permite a produção cultural, que contribui para a reprodução e a mudança. As atividades não são, no entanto, historicamente divididas (CORSARO, 2011, p. 54).

A reprodução interpretativa não constitui simples imitação, mas é o modo pelo qual as crianças se apropriam criativamente do mundo adulto para produzir sua própria cultura de pares, contribuindo também com a construção da cultura adulta. “Tal apropriação é criativa no sentido de que estende ou desenvolve a cultura de pares; as crianças transformam as informações do mundo adulto a fim de responder às preocupações de seu mundo” (CORSARO, 2011, p. 53).

Nessa perspectiva, a infância é considerada uma forma estrutural, mesmo que seja um período temporário para as crianças que vivenciam a infância, constituindo uma categoria estrutural permanente na sociedade. As crianças são entendidas como agentes sociais que contribuem com a reprodução da infância e da sociedade, através do diálogo com os adultos e de sua produção de culturas de pares. Deste modo, o foco está no lugar e na participação das crianças na produção e reprodução cultural, em vez de estar na internalização de habilidades e conhecimentos da cultura adulta (CORSARO, 2011).

DELINEAMENTOS METODOLÓGICOS E ÉTICOS DA PESQUISA COM AS CRIANÇAS

A construção metodológica de pesquisas com a participação de crianças tem sido apontada como um desafio na busca de estratégias que deem visibilidade e possibilitem a compreensão acerca das culturas da infância. Dentre a diversidade de pesquisas que vêm sendo realizadas com a participação de crianças, a etnografia tem sido uma opção requisitada por proporcionar o estudo, a documentação e a compreensão das culturas de pares infantis, possibilitando analisar os processos de reprodução interpretativa. Alguns exemplos de pesquisas etnográficas realizadas com a participação de crianças: Batista (2011), Borba (2005), Flores (2006), Oliveira (2011), Pereira (2011), Prado (1998) e Schmitt (2008).

A pesquisa etnográfica com crianças se insere numa perspectiva interpretativa, na medida em que o estudo das culturas infantis possui caráter interpretativo, ou seja, é uma interpretação do pesquisador com base nos aspectos amplamente observados e analisados junto ao contexto (GRAUE; WALSH, 2003).

Neste sentido, a pesquisa de doutorado foi realizada através de uma investigação com inspiração etnográfica e abordagem interpretativa, junto a um grupo de quinze crianças de quatro a cinco anos de idade, as quais integram uma turma em uma escola pública de Educação Infantil, da cidade de Santa Maria/RS.

No contexto desta pesquisa, considera-se a etnografia com crianças a partir dos estudos de Corsaro (2012), Graue e Walsh (2003), um estudo sistemático, narrativo e descritivo das culturas produzidas através das interações das crianças entre seus pares e o processo de reprodução interpretativa, durante suas brincadeiras, na instituição de Educação Infantil.

A etnografia constituiu uma potência para estudar a experiência musical nas/das culturas da infância na instituição de Educação Infantil, em função de seu caráter interpretativo, imersão longitudinal no campo de pesquisa, observações permanentes que visavam à construção de narrativas descritivas (GRAUE; WALSH, 2003). Observar de modo atento e permanente como as crianças interagem entre si, protagonizam experiências e realizam a reprodução interpretativa, é a condição para compreender, documentar e analisar a produção das culturas de pares na infância.

A produção dos dados da pesquisa¹ foi composta basicamente por dois grandes momentos: um deles constituído por observações, realizadas de modo geral acompanhando a rotina das crianças durante uma tarde por semana; e outro momento constituído por propostas de intervenção-observação, que compunha a disponibilização de objetos sonoros e instrumentos musicais em algumas tardes. Esses momentos de observação e de intervenção-observação se retroalimentavam e foram realizados não consecutivamente. Destaca-se que, nas propostas de intervenção-observação disponibilizavam-se os diferentes objetos sem haver a intenção de interferir na forma como as crianças exploravam os materiais, tampouco de propor algo objetivamente a elas. A finalidade de tais momentos era observar e registrar, por meio do diário de campo, de fotografias e de filmagens, as formas pelas quais as crianças protagonizavam experiências musicais e produziam suas culturas de pares.

A investigação interpretativa com crianças desafia o pesquisador no processo de buscar diferentes maneiras para ouvi-las, observá-las e compreendê-las. A produção de dados da pesquisa é um processo ativo e de improvisação, na qual o pesquisador utiliza, de modo diversificado, instrumentos metodológicos específicos, direcionados ao contexto a ser pesquisado (GRAUE, WALSH, 2003). Desta forma, como instrumentos metodológicos da

¹ A pesquisa foi realizada no período de julho a dezembro do ano de 2013.

pesquisa foram utilizados: observação, intervenção-observação, diário de campo, registros fotográficos e audiovisuais, e sessão de vídeos².

Além da abordagem e estratégias metodológicas, outro elemento fortemente discutido no âmbito da realização de pesquisas com a participação de crianças tem sido os princípios éticos³. Problematizam-se algumas dicotomias, dentre as quais, o fato de que na construção e desenvolvimento de pesquisas as crianças são consideradas protagonistas, sujeitos históricos e de direitos que participam ativamente da sociedade produzindo culturas, mas no processo de negociação e autorização, necessários para a realização das pesquisas, nem sempre as vozes das crianças são consideradas. Ou seja, são reconhecidos os direitos e protagonismos das crianças, mas quando os pesquisadores necessitam de autorização para realizar as pesquisas se remetem somente aos pais, professores ou responsáveis pelas crianças.

Certamente do ponto de vista legal as crianças não respondem por si próprias, o que corrobora com os processos de negatividade constituinte da infância (SARMENTO, 2005), sendo necessário o consentimento dos pais. Porém, obter a autorização das crianças é tão importante quanto à de seus pais ou responsáveis, o que implica em refletir sobre os aspectos éticos na pesquisa com crianças, dando-lhes também o poder decisório.

Tendo em vista esses aspectos, teve-se o cuidado de conversar, fornecer informações e pedir permissão a todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a pesquisa, incluindo pais, professores, coordenação, direção e, principalmente, as crianças. A aceitação da pesquisadora pelas crianças ocorreu de modo tranquilo, através de uma conversa sobre a pesquisa explicando a finalidade em estar junto delas de forma que pudessem compreender. Além disso, foi feita a demonstração da filmadora e da máquina fotográfica, sendo solicitada também a permissão das crianças para que fossem filmadas⁴.

A inserção da pesquisadora junto às crianças e suas brincadeiras ocorreu de forma gradativa, sendo que algumas delas, logo no início, já se demonstraram receptivas convidando-a para brincar e outras foram estabelecendo uma relação de confiança com o decorrer do tempo. Todavia, desde o primeiro momento no qual foi exposta para as crianças a proposta de estarem

² Momento de rememoração das experiências em que as crianças eram convidadas a assistirem filmagens pré-selecionadas pela pesquisadora, a fim de observar reações, interações e construções de significados entre as crianças durante o processo de visualizarem-se nas filmagens.

³ A citar o I Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da criança: pesquisa com crianças, realizado em agosto de 2014 na cidade de Porto Alegre/RS.

⁴ Os pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando o uso de imagens e filmagens das crianças.

sendo filmadas e pesquisadas, manifestaram apreciar a ideia apresentando diferentes formas de participação. Diversas vezes, as crianças buscavam interagir e contribuir com os registros que estavam sendo feitos, seja escrevendo também no diário de campo, seja pedindo para que fossem filmadas em determinados momentos ou, até mesmo, elas próprias realizando suas filmagens e registros fotográficos. Essas formas de participação das crianças revelavam certo entendimento sobre o que a pesquisadora estava fazendo junto delas, manifestando a necessidade de participação, exercendo suas diferentes formas de protagonismo, o que tornou a pesquisa um processo de construção interativa envolvendo a participação ativa e criativa das crianças conjuntamente com a pesquisadora.

O PROTAGONISMO INFANTIL E A PRODUÇÃO DE SONORIDADES NAS CULTURAS DE PARES

As crianças protagonizam constantes experiências musicais que transcendem a organização dos tempos e espaços do brincar previsto pela instituição de Educação Infantil, perpassando todas as situações do cotidiano escolar. Para as crianças, todos os tempos e os espaços constituem possibilidades do brincar e do musicar, pois o brincar é o modo de ser, de estar, de narrar, de compreender e de representar o mundo.

As crianças brincavam e sonorizavam o tempo todo, em todos os espaços, até mesmo de modo concomitante às atividades dirigidas pelos professores. Em alguns momentos, as crianças afastavam-se das mesinhas onde estavam fazendo alguma atividade e corriam até o espelho da sala, dançavam, pulavam, cantavam, faziam caretas e alguns movimentos e depois voltavam ao grupo. Elas cantarolavam enquanto desenhavam ou estavam na rodinha, exploravam os sons dos materiais enquanto realizavam construções, faziam sons e ritmos nas mesas enquanto esperavam serem chamadas para fazer a higiene das mãos, brincavam e faziam música nos corredores, no pátio, na pracinha, etc. São explorações sonoras e brincadeiras musicais que surgem, espontaneamente, das crianças através de um processo constante de interação entre elas. E esse processo que vem de uma criança, aos poucos vai agregando outras crianças, o que constitui protagonismo e cultura de pares.

Dentre os diferentes espaços explorados, o refeitório da escola surge como um *locus* privilegiado das brincadeiras musicais das crianças. O brincar musical neste espaço advém das próprias crianças por ser considerado um “*lugar onde todos escutam*” (Maísa, 5 anos), o que envolve questões de acústica, coletividade, conquistar a atenção e reconhecimento,

evidenciando o sentido de atividade social da música (BEINEKE, 2011). As crianças apreciavam muito cantar e explorar sonoridades enquanto estavam todas sentadas em volta da mesa para lancharem, era um momento de partilha, de troca, de diálogo em que todos da turma sentavam próximos e ouviam-se, enxergavam-se uns aos outros, partilhando um ritual cujo significado estava além de apenas realizar o lanche.

Neste contexto, o fazer musical nas culturas de pares da infância está relacionado a relações de grupo, amizade, poder, liderança e proteção do espaço interativo, que dizem respeito às diferentes formas como as crianças se relacionam e constituem pares para criação de suas brincadeiras e construções. Fazer música com alguém, para as crianças também assume um sentido de ser amigo de alguém e, portanto, partilhar rotinas e rituais cotidianos juntos. De acordo com Corsaro (2011), o conceito de amizade para as crianças tem um significado relacionado à produção e à proteção de uma atividade compartilhada, ou seja, ser amigo é brincar e criar coisas juntos.

Nos momentos em que as crianças se agrupavam para produzir músicas e explorar os objetos sonoros e instrumentos musicais, observou-se que exerciam seus protagonismos nos processos de recriação das formas de tocar, percutir e produzir sons, ocorrendo intensa vinculação do som à produção de gestos sonoros e expressões corporais. Elas, espontaneamente, reuniam-se em pequenos grupos constituídos por afinidades com a intencionalidade de produzir músicas, demonstrando alguns critérios de organização dos sons, os quais pareciam estar vinculados à alternância dos instrumentos e à contagem dos tempos, seguindo determinada sequência de execução de cada instrumento.

Através das formas pelas quais as crianças protagonizavam suas músicas, é possível perceber os conhecimentos musicais, apropriados criativamente por elas, que envolviam desde um repertório de possibilidades de explorações sonoras, até experiências indicando para o caráter de estudo e preparação, constituintes da formação, ensaio e apresentação de uma banda. Esses aspectos revelam a apropriação criativa (CORSARO, 2011) que fazem de elementos e conhecimentos musicais adquiridos por meio de seus contextos sociais e culturais.

As crianças cantavam e reinventavam músicas da mídia, do folclore, parlendas, jogos musicados, sonorizando rimas e jogos de palavras que surgiam espontaneamente nas diferentes situações cotidianas que vivenciavam com seus pares. Percebe-se que a produção das culturas musicais infantis ocorre num constante movimento interativo das crianças entre si e na relação com a cultura midiática, em especial, filmes, desenhos animados, músicas e vídeos da internet.

Assim, as culturas da infância são constituídas por meio das produções culturais dos adultos para as crianças e das produções culturais geradas pelas próprias crianças com seus pares. Neste sentido, as músicas nas culturas de pares são resultantes dos processos interativos intra e intergeracionais (SARMENTO, 2003), de modo que, as crianças não apenas reproduzem as músicas as quais tem contato, mas recriam as experiências musicais vivenciadas, exercendo o processo de reprodução interpretativa (CORSARO, 2011).

Em suma, a criança faz música e exerce seu brincar musical como uma extensão da atividade/brincadeira que está fazendo. De modo que, a experiência com a música na infância relaciona-se às diferentes formas como as crianças agem e interagem por meio dos movimentos dos seus próprios corpos em contato com os diferentes espaços, materiais, nas relações que estabelecem com seus pares, “corpos lançados à sensibilidade de soar” (LINO, 2010, p. 99). Assim, a música faz parte do ser e estar da criança no mundo, de sua existência, com seus muitos sons, cores, movimentos e, também, silêncios.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERCURSO PERCORRIDO COM AS CRIANÇAS

Para pesquisar as culturas da infância foi necessário manter uma relação ética de respeito às crianças e à produção de suas culturas de pares. Ética que conduziu o olhar para as crianças buscando uma não obviedade com relação às suas ações, brincadeiras e culturas, ouvindo-se suas narrativas e compreendendo-se suas significações. Embora, tenha-se a consciência de que se tratava de uma adulta, pesquisadora, olhando para as crianças, buscou-se, de diferentes formas, observar e ouvir às crianças, atentando às múltiplas relações que estabeleciam com seus pares, com o espaço escolar, com as culturas midiáticas, dentre outros.

Procurou-se compreender o que as crianças representavam e qual o sentido que construía para suas experiências musicais, nas variadas brincadeiras que realizavam, e, assim, contemplar suas próprias vozes através dos vídeos e narrativas de suas manifestações musicais em suas culturas, feitas ao longo da pesquisa de campo. Neste contexto, compreender as experiências musicais protagonizadas pelas crianças, por meio de suas culturas de pares, foi conduzida eticamente por uma relação de participação ativa com as crianças, desafiando-se a encontrar formas de possibilitar a potencialização de suas culturas por meio de suas próprias vozes, percepções, sentidos e significados.

Entender as culturas da infância envolve a ética de um olhar diferenciado com as crianças, sentir, ver, ouvir e pensar nos protagonismos das diferentes culturas da infância, não como obviedades características da idade, mas como uma forma como elas, historicamente e culturalmente, constroem a si próprias nas relações que estabelecem em seus contextos sociais. As crianças são co-construtoras da infância na medida em que interagem e se comunicam com pares, adultos, natureza e sociedade (QVORTRUP, 1993 apud NASCIMENTO, 2011).

É preciso despojar-se dos conhecimentos pré-concebidos com relação às crianças, simplesmente enquadrando-as em características ou estágios do desenvolvimento e estar disposto a compreender suas culturas na perspectiva das próprias crianças. Para isso, é necessário ouvir e escutar suas vozes, um olhar atento e aguçado, colocar-se numa postura de quem busca descobrir e aprender com elas, não como alguém que detém conhecimentos e apenas confronta hipóteses. E sim, como uma pessoa que percebe o quanto ainda precisa aprender, compreender, sentir, ouvir, diante da riqueza das culturas produzidas pelas crianças.

Portanto, para compreender suas culturas é preciso mudar a perspectiva pela qual se olha e se percebe as crianças. Superar concepções que as veem pelo que ainda não fazem, ou pelos adultos que serão no futuro, os já referidos processos de negatividade constituinte da infância (SARMENTO, 2005). Superar concepções que as crianças são naturalmente puras e boas, entendendo que elas refletem os valores sociais e culturais dos diversificados contextos em que estão inseridas, nos quais estão presentes: o consumo, a competitividade, o poder, a liderança, dentre outros. Afinal, as culturas de pares não são produzidas num universo exclusivo das crianças, mas por meio de um processo contínuo de interação com os contextos a que estão vinculadas.

Em suma, no que se refere à realização de pesquisas com a participação de crianças, é fundamental manter uma postura ética de aprendiz, de cumplicidade, de coletividade com as crianças, compreendendo que as diferentes culturas produzidas com seus pares são processos fundamentais para a recriação, inserção e participação delas no mundo. Sendo que, neste contexto, a escola de Educação Infantil é um *locus* privilegiado de seus protagonismos na produção de cultura de pares, em que poderiam ser potencializadas maiores oportunidades para construção dessas culturas, propiciando às crianças participarem ativamente do processo de construção do conhecimento.

LISTENING TO PEER CULTURE SONGS: A RESEARCH CARRIED OUT WITH CHILDREN FROM A CHILD EDUCATION SCHOOL

ABSTRACT: The focus of this article is the music and experience regarding the childhood cultures having as theoretical support the sociology of childhood. This research aimed to investigate how music constitutes the experiences in the peer cultures built by children at a Child Education School. More specifically, we tried to understand how the children act as protagonists in their experiences with music when they are playing, and analyze how music manifests itself during their interaction in the process of peer culture production. Through an interpretative approach with ethnographic inspiration, it was carried out a research with a group of 15 children from a public school, being them 4-5 years old. It is highlighted the acts as protagonists of children in the different processes of participation during the research and peer culture production. Making music in the childhood is connected to playing and to interpretative reproduction. It happens through constant interaction among their peers and adult culture.

KEYWORDS: Child Education. Cultures of childhood. Music. Experience.

ESCUCHANDO LAS CANCIONES DE LAS CULTURAS DE PARES: UNA INVESTIGACIÓN CON NIÑOS DE LA EDUCACIÓN INFANTIL

RESUMEN: El artículo se centra en la música y la experiencia en las culturas de la infancia con la contribución teórica a la sociología de la infancia. La investigación trató de investigar cómo la música compone experiencias en las culturas de grupo construidas por los niños en la guardería institución. En concreto, la comprensión de cómo los niños se estrellan en los experimentos con la música durante la reproducción y analizar cómo se manifiesta en la interacción entre ellos en el proceso de producción de culturas de los pares. Mediante un enfoque interpretativo a la inspiración etnográfica, se realizó una investigación con la participación de quince niños entre los 4 y los 5 años de una institución pública. Cabe destacar el protagonismo de niños en los distintos procesos de participación en la investigación y producción de las culturas de grupo. La producción de la música en la infancia está vinculada a jugar y los procesos de reproducción interpretativa por la constante interacción entre los pares y las culturas adultas.

PALABRAS CLAVE: Educación infantil. Culturas de la infancia. Música. Experiencia.

REFERÊNCIAS

BATISTA, D. W. de A. *Será que eu posso falar alguma vez aqui?* algumas reflexões sobre o que falam as crianças da/na escola. 2011. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BEINEKE, V. *Processos intersubjetivos na composição musical de crianças: um estudo sobre a aprendizagem criativa.* 2009. 290f. Tese (Doutorado em Música) –Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BEINEKE, V. Aprendizagem criativa na escola: um olhar para a perspectiva das crianças sobre suas práticas musicais. *Revista da Abem.* Londrina, v. 19, n. 26, jul./dez. 2011. p. 92-104.

BENJAMIN, W. Infância em Berlim por volta de 1900. In: BENJAMIN, W. *Rua de mão única: obras escolhidas II*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. v.2 p.71-141

BORBA, A. M. *Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4-6 anos em instituição pública de educação infantil*. 2005. 296f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BRITO, M. T. A. de. *Por uma educação musical do pensamento: novas estratégias de comunicação*. 2007. 297f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

CORSARO, W. *Pesquisa etnográfica realizada com as crianças de jardins de infância nos EUA e em Itália*. Departamento de Sociologia, Indiana University, Bloomington, Indiana, USA. (texto digitado), 2012. Disponível em: <<http://geinufrgs.blogspot.com.br/>>. Acesso em: jul. 2016.

CORSARO, W. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ELKONIN, D. B. *Psicologia do jogo*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FLORES, Z. G. de M. *O brincar, a criança e a escola: tramas de um caminho*. 2006. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências), Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. J. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Trad. Ana Maria Chaves. Revisão Científica Teresa Vasconcelos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LINO, D. L. *Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância*. 2008. 392f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre.

LINO, D. L. Música, pesquisa e infância: cantorias do repente. *Revista Reflexão e Ação*. Santa Cruz do Sul, v. 18, n.2, jul./dez. 2010. p.92-112.

NASCIMENTO, M. L. Apresentação nove teses sobre a “infância como um fenômeno social” Jens Qvortrup. *Pro-posições*, Campinas, v. 22, n. 1 (64), jan./abr. 2011.p. 199-211.

OLIVEIRA, R. C. D. *"Agora eu...": um estudo de caso sobre as vozes das crianças como foco da pedagogia da infância*. 2011. 187f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PEREIRA, R. F. *As crianças bem pequenas na produção de suas culturas*. 2011. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PRADO, P. D. *Educação e cultura infantil em creche: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequeninhas em um CEMEI de Campinas/SP*. 1998. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 26, n. 91, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M. J. *Imaginário e culturas da infância*. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho Portugal, 2003. Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf>. Acesso em: jul. 2016.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R. de.; SARMENTO, M. J. (Org.). *Infância (in)visível*. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007. p. 25-49.

SCHLESENER, A. H. Mímesis e infância: observações acerca da educação a partir de Walter Benjamin. *Filosofia Unisinos*, São Leopoldo. n. 10, v. 2, maio/ago. 2009.

SCHMITT, R. V. *Mas eu não falo a língua deles!* as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. 2008. 218f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Recebido em julho de 2016

Aprovado em agosto de 2017